

**PIO LOURENÇO CORRÊA:** *Monografia da palavra Araraquara*. 4a. edição. 76 págs. São Paulo, 1952.

Discutindo as várias acepções possíveis do topônimo em tupi, o autor, à luz de argumentos filológicos, históricos e geográficos, conclui "que a aglutinação *araraquara*, empregada como toponímico, nada tem que ver com as aves araras" (pág. 1), como quer a opinião corrente, mas que o seu sentido é "literalmente traduzido, *buraco da luz nascente*, ou *buraco da aurora*" (pág. 21). Proveniente do linguajar de grupos indígenas estabelecidos perto do Rio Tietê, a oeste da Serra de Araraquara, designaria a região oriental com referência àquela via de penetração usada pelos desbravadores do interior paulista.

Renato Jardim Moreira

**L. DE CASTRO FARIA:** "Pesquisas de antropologia física no Brasil". *Boletim do Museu Nacional*, Nova Série. Antropologia. N.º 13. 106 págs. Rio de Janeiro, 20 de abril de 1952.

É estudo histórico-bibliográfico de utilidade para quem precise orientar-se, com segurança e visão crítica, sobre o desenvolvimento das pesquisas de antropologia física no Brasil, desde as origens, por volta de 1860, até a época atual. Na apreciação dos trabalhos, o autor revela esforço honesto de precisar em que consiste o valor das contribuições por ele discutidas. É talvez o mérito principal do trabalho. Nesta resenha vamos resumir alguns dos dados mais importantes.

Castro Faria estabelece três períodos, o de "construção" (1860-1910), o de "renovação" (1910-1923) e o de "estabilidade" (1930-1950). Em todos eles se destaca a contribuição do Museu Nacional, que foi pioneiro na pesquisa como no ensino da Antropologia física no país. O primeiro curso foi aí ministrado por João Batista de Lacerda em 1877. E. Roquette Pinto, nomeado substituto em 1912, veio ocupar o cargo de professor em 1926. Seu sucessor foi Bastos d'Ávila, que realizou cursos em 1932 e, depois, de 1934 a 1938.

No primeiro período, limitado quase à craniometria dos aborígenes, destacam-se os trabalhos de João Batista de Lacerda. Nas "Contribuições para o estudo antropológico das raças indígenas do Brasil", baseadas principalmente no exame de seis crânios de Botocudos, escritas em colaboração com Rodrigues Peixoto e publicadas no 1.º volume dos Arquivos do Museu Nacional (1876), chega, entre outras, à conclusão de ter sido dolicocefala a raça primitiva do Brasil, de haver nos índios atuais mistura de dois tipos diferentes e de que os Botocudos se aproximam da raça primitiva. Lacerda é autor de famoso estudo sobre "o homem dos sambaquis" (1885).

No segundo período, em que a craniologia cede lugar à somatologia, estudam-se também outros tipos humanos ao lado do indígena. É grande a influência de Edgard Roquette Pinto (Museu Nacional) no desenvolvimento dos trabalhos de investigação. Depois de realizar pesquisas pessoais no litoral riograndense e entre os índios da Serra do Norte, apresenta síntese da antropologia física do índio brasileiro, sobre base dos estudos de Ehrenreich (1912). Mais tarde (1928, 1929), apresenta classificação dos tipos humanos da população brasileira, considerando elementos antropométricos e antroposcópicos. Determina quatro grupos, leucodermo, faiodermo, xantodermo e melanodermo.

Fróis da Fonseca, o elaborador da ficha antropométrica em uso no Museu Nacional, realizou pesquisas de interesse para a anatomia comparada das raças. Apresentou também várias inovações em técnicas de pesquisa.

Na Faculdade de Medicina de São Paulo, Alfonso Bovero, anatomista de Turim, foi o iniciador, no Brasil, das pesquisas sobre antropologia das partes moles. Deu o primeiro impulso para o desenvolvimento dos estudos de anatomia racial em São Paulo, onde trabalhou durante 23 anos.

São desse período também as contribuições de Ricardo Krone, Hermann von Ihering e Roberto Hinrichsen sobre a craniologia dos índios.

No terceiro período continua a importância dos estudos realizados no Museu Nacional. Ao mesmo tempo, aumenta, porém, o número de trabalhos provenientes de outros centros de pesquisa. O ensino da antropologia se torna oficial com a criação das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras.

Bastos d'Ávila, durante muitos anos professor do Museu Nacional, é um dos primeiros no Brasil a tratar fatos biométricos com recurso ao método estatístico. Publicou vários estudos sobre o desenvolvimento físico de escolares brasileiros.

Em São Paulo, os discípulos de Bovero (Renato Lccchi, Odorico Machado de Souza) prosseguem nas investigações de anatomia comparativa; ao interesse pela determinação de tipos raciais sobrepõe-se, porém, a preocupação pelos problemas de constituição e de classificação de tipos morfológicos. Ettore Biocca e Emilio Willems fazem estudos de antropometria indígena, enquanto F. Ottensooser e outros publicam trabalhos de hematologia racial.

Abundante bibliografia e um índice de assuntos aumentam a utilidade do ensaio de Castro Faria.

Egon Schaden

**F. OTTENSOSER e R. PASQUALIN: Tipos sanguíneos de índios de Mato Grosso.** Separata de **O Hospital**, págs. 73-79. Rio de Janeiro, 1950.

Trata-se de estudo feito com material colhido pelo Dr. Ernani Martins da Silva, que visitou os Caiuá e Bororo em 1947. Esses índios são em grande maioria puros. Na pesquisa, os mestiços foram afastados. O método de colheita do sangue foi a punção digital. As pesquisas foram feitas em São Paulo, de 3 a 6 dias após a colheita, empregando-se soros norte-americanos e do Laboratório Paulista de Biologia.

Pesquisas em 237 Caiuá e 119 Bororo revelaram o tipo O para a totalidade, de acordo, aliás, com a característica ameríndia de doadores universais. Nos índios norte-americanos, a percentagem de tipo O atinge a 70% e nos sulamericanos até 100%, como no caso presente.

Quanto aos fatores M e N, foram encontrados, em 134 Caiuá, 79,9% M; 0,7% N e 19,9% MN. Também esses resultados comprovam a já verificada incidência predominante dos fatores M nas populações ameríndias. Os resultados encontrados em Mato Grosso não importantes, porque dão a maior percentagem encontrada para índios e a segunda na estatística mundial. Na determinação do fator Rh, de 173 Caiuá e 103 Bororo, eram todos Rh positivos, apresentando, segundo os tipos de Rh, a distribuição seguinte: Rh<sub>0</sub> - 0%; Rh<sub>1</sub> - 22,7%; Rh<sub>2</sub> - 19,3%; Rh<sub>1</sub> Rh<sub>2</sub> - 58%.

A análise gênica feita através dos tipos Rh revelou uma soma R<sub>1</sub> + R<sub>2</sub> inferior a 100%, porque apareceu o fator R<sub>z</sub>. A ausência do fator Rh<sub>0</sub> em todos os índios pesquisados impugna a hipótese de "cross-over", aventada por Fischer como explicação para a troca de gens elementares com o cromosoma homólogo e, assim, para a origem dos fatores R<sub>z</sub> e R<sub>0</sub> pelos cromosomas R<sub>1</sub> e R<sub>2</sub>. Vimos que isso não se verificou nos índios de Mato Grosso.

Aumenta com o progresso da sorologia a sua importância para os estudos antropológicos. A distribuição espacial das raças coincide em linhas gerais com a distribuição geográfica dos tipos sanguíneos. Resumindo os resultados já obtidos, podemos dar como as diferenças sorológicas entre as três grandes divisões raciais da humanidade: Ameríndios e outros mongolóides: ausência de tipos A<sub>1</sub> e Rh negativo; alta incidência de R<sub>1</sub> e apreciável de R<sub>2</sub>. Negróides: altas percentagens de A<sub>2</sub> e R<sub>0</sub>; baixa proporção de R<sub>1</sub>. Brancos: frequências intermediárias de A<sub>2</sub> e R<sub>1</sub>; baixo valor de R<sub>0</sub>; ausência de R<sub>z</sub>; elevada incidência de Rh negativo.

Subdividem-se os mongolóides, segundo a incidência de M e N, em três grupos. O primeiro, asiático (elevada incidência de N), tem grande valor para R<sub>1</sub> e pequeno para R<sub>2</sub>. Os valores de R<sub>1</sub> decrescem e os de R<sub>2</sub> aumentam quando se passa para o segundo, dos australianos e insulíndios, e para o terceiro, dos ameríndios e esquimós, decrescendo também os valores de N e aumentando os de M. (Vê-se que os autores dão extraordinária amplitude ao conjunto das raças mongolóides.) Os índios brasileiros e alguns norte-americanos têm os mais altos valores de R<sub>2</sub> até o presente descritos e R<sub>1</sub> relativamente baixos. Nos Caiuá e Bororo, separados uns dos outros